

Este número é dedicado em memória de Raquel Farias Stern.

A ideia deste número, “Integração Contra-hegemônica: reflexões para uma aproximação ‘desde abajo’”, foi da Raquel Stern, estudante do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da turma de 2017 e membro do Comitê Editorial da Revista Espirales, no fim do ano passado. Esta temática foi inspirada na necessidade de se pensar a integração latino-americana a partir de outras perspectivas, que não a dominante, fugindo do status quo e abrindo caminho para novas visões.

A Raquel foi uma figura central para o programa e para a revista. Tanto com a sua pró-atividade em questões estudantis e de representação, quanto em nível pessoal, com a sua alegria, sua tranquilidade e seus convites semanais para saídas na cidade. Mostrando sempre pra qualquer acadêmico que fosse, que viver não cabia no Lattes. Sendo, então, a idealizadora de expressiva parte dos programas não acadêmicos da turma.

Militante por um Brasil, uma América Latina e um mundo mais justo, com menos preconceitos e desigualdades, a Raquel se faz presente tanto em momentos de luta, como em manifestações culturais e momentos de descontração.

A nossa amiga também é uma cineasta brilhante. Com lindos projetos, inclusive o de uma web série sobre música na América do Sul, onde saiu uma galera do Rio de Janeiro para distintas cidades do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai com o propósito de escutar, aprender e fazer música, além de incluir uma das coisas que ela mais gostava: viajar e conhecer gente nova.

Estando constantemente ligada à arte, à literatura e à sua latino-americanidade, a Raquel tinha a ótima “mania” de comprar obras literárias em todos os países latino-americanos que ela passava, com o propósito de conhecer melhor a cultura local. No final de 2017, ela escreveu contos que refletissem sobre a história latino-americana para uma disciplina no ICAL. É com muito orgulho, que segue nas próximas páginas os contos da Raquel, dividindo com todos um pouquinho da nossa amiga, da sua arte e da sua identidade latino-americana.

Raquel presente! Agora e sempre

**Hannah Guedes de Souza
e todo o Comitê Editorial da Revista Espirales**

De Descobridores e descobertos encobertos

Apenas rapazes latino-americanos

Naquela época, ouvia À Palo Seco, de Belchior, repetidamente. Empenhado em agarrar-se a raízes latino-americanas em busca de uma identidade que não se encontra, tomava como um hino a canção, com especial ênfase em dizer que um tango argentino lhe caía melhor que um *blues*.



Quando Carlos discordou dele e de seu ídolo, logo após inflamada execução no karaokê do seu Manuel, primeiro achou ser uma brincadeira: o amigo era engajado, já há um tempo se dizia decolonial, coisa que Fábio ainda tentava entender o que era. Mas acreditou quando ele insistiu: o Blues lhe era mais significativo.

Nos rostos dos dois gêneros, Fábio logo encontrou a explicação. A América Latina do tango não era a mesma da negritude de Carlos e, se o espanhol de Gardel não lhe agredia menos que o inglês do norte, a tristeza do blues lhe era mais adequada que a dos acordes de piano e bandoneon.

Da Cor do Pecado

Chamaram-lhe de bárbaro e disseram que precisava se civilizar. Trouxeram os civilizadores e lhe ensinaram a desaprender a ser ele mesmo.

Sua cor não era a certa e trouxeram mais brancos para lhe clarear. Tudo pelo seu bem. Se não alcançou-se a brancura sonhada, o jeito era negar a cor maldita e se disfarçar do outro. Tratar de imitar o espelho que não lhe refletia, aluno empenhado da modernidade.

Mas os que incentivavam, de longe riam, sabendo ser inútil o esforço. E seguiam lhe contando que a sua era a terra do futuro, sem jamais dizer que esse nunca chegaria.

Ñe'e Pora e os analfabetos vindos dos mares

A língua que traziam da Europa era muito mais avançada que os “dialetos” locais, tinham certeza os portugueses e espanhóis desembarcados por estas terras há já mais de quinhentos anos.

Se orgulhavam de sua complexa gramática, de seus escritos, de sua matriz no latim. Aos povos originários, transmitiram com mais e menos força tão valioso saber. Comunicando-se a partir das belas flores do Lácio, aquela gente se tornava um pouco menos selvagem, lhes parecia.

Mas eram eles que não entendiam o que lhes avisava o canto dos pássaros, o agitar das folhas ou o correr do rio.

Aos Guaranis, que sabiam ter também ñe'e, linguagem, também na fauna e flora que lhes rodeava, muito sentido não faziam aquelas línguas de quem só queria falar com os homens.

Na ponta da Língua

Não tinha muito que chegara à Argentina e levou alguns instantes para entender o que a portenha com que dividia o apartamento quisera dizer com “la cocina está un quilombo!”. Pela expressão de Rocío e pela forma com que saíra bufando de casa, não parecia se referir ao cheiro sem modéstia delicioso que saía de sua panela de pressão. Olhou em volta e a louça suja ainda da véspera, os ingredientes espalhados no balcão, o suco recém derramado lhe deram uma pista, que se confirmaria um pouco mais tarde quando um amigo lhe explicou: “es lo mismo que lío, que desorden!”. Um arrepio correu por toda sua espinha. Ninguém entendeu sua reação.

Foi a primeira de muitas vezes que explicaria, nos seis meses passados no país, a origem da palavra. Sentiu algum alívio ao ver a cara de surpresa e de vergonha dos amigos com aquela revelação. Alguns pararam de usar. A maioria não. Não é fácil mudar o hábito, refazer essa cabeça. Ela entendia fazer de alguma forma um pouco de sua parte a cada vez que os repreendia.

Mas, mais difícil que identificar e corrigir o absurdo que lhe era evidente em se chamar bagunça de quilombo, era reparar que ela mesma caía diariamente nas armadilhas racistas de seu português. Não foi fácil deixar de ter inveja branca daquela viagem de sua irmã, de entender que aquele comentário maldoso no facebook não denegria sua imagem e por vezes ainda dizia que “a coisa estava preta” ao olhar seu saldo no fim do mês.

Poder das palavras

“Pesquisa americana indica que o Rio recebeu 2 milhões de escravos africanos”, diz a manchete do jornal mais lido do país.

Impressiona o número.

Impressiona também a força da língua, que transforma os africanos sequestrados e escravizados em *escravos*, essa gente-mercadoria inventada, que, como menos humana, parece já nascer para servir.

Terra à Vista

Às terras encontradas a ocidente do ocidente, chamou-se de Novo Mundo. Teriam sido descobertas pelos grandes navegadores ibéricos e, se novas eram, suas histórias começavam ali.

De que valia o muito que já haviam vivido os povos que ali habitavam? Num “Se eu não conhecia, não existia” no estilo “se não lembro não aconteceu”, os recém chegados fizeram a sua moda, “guela abaixo” enfiaram sua cultura, sua língua, sua religião. Começava então a historiografia oficial das Américas, que só têm direito a certidão de nascimento quando cruzam com a história mundial - como seguimos chamando a européia.

Por isto ao tal descobrimento, ao que chamou-se de encontro de culturas, o filósofo argentino Enrique Dussel prefere hoje chamar de encobrimento. Faz sentido.

Imagens velhas de um mundo novo

Nas primeiras imagens divulgadas na Europa do “Novo Mundo” e de seus habitantes, ilustrando os relatos de viagem de Colombo e Vespúcio, os indígenas por vezes eram barbudos e em seus traços pouco se diferenciavam dos europeus. Não era mesmo fácil o trabalho dos artistas: como representar o jamais visto? Os textos se misturavam com as referências que tinham de paraíso e de selvagem, às quais acrescentavam pinturas, penas e arcos e flecha.

Se hoje essas gravuras chegam a nos causar riso, tão distantes das imagens que hoje conhecemos dos povos originários, àquele tempo eram a realidade. E, se a barba desenhada onde a pele era lisa não fazia mal algum, o chocante canibalismo explícito nas ilustrações não foram nada inofensivos. Da omissão do aspecto sagrado da prática, banalizada como cotidiana e festiva, surgiram os cruéis selvagens que habitavam as longínquas terras. E, se assim eram, tão sem alma nem coração, não havia neles humanidade a se defender.

O País sem Racismo

O ano era 2016, de modo que já se passavam 172 do fatídico 13 de maio em que, no que consta nos papéis, acabou-se a escravidão no Brasil. Talvez por isso a jovem argentina ficara tão surpresa quando a amiga brasileira lhe explicava o funcionamento da lei de cotas para o acesso às universidades. Simplesmente não entendia o sentido do “benefício”: tantos anos em que negros e brancos eram iguais e num país tão lindamente miscigenado e sem racismo...

Nessa Paula quase que cai pra trás: era possível que o mito das três raças ainda surtisse tanto efeito?

Sim, era, e se apressou em interromper quando viu que Agustina ia no mesmo caminho que tanta gente repetia aos quatro ventos: “cotas para os mais pobres entendo, mas racial chega a ser mesmo preconceituoso, como se os negros fossem menos capazes que os brancos!”.

Contou-lhe então que heranças da cultura escravocrata não sumiram no ar com a canetada da Princesa Isabel; que se via pouco ou muito de seus efeitos todos os dias; que não a toa tantas alisavam o cabelo; que talvez o menino negro que recém lhes cruzara o caminho tão arrumado talvez não fosse vaidoso, apenas o fizesse por questão de sobrevivência; contou do atual massacre da população negra e da proporção da população carcerária; falou dos obstáculos no mercado de trabalho e das diferenças salariais. Talvez tenha falado demais, mas sabia que ainda ficara muito o que dizer. Por fim, achou que a amiga entendeu que aquela porcentagenzinha no acesso ao ensino superior era uma forma de reparação, uma tentativa de corrigir um pouco o incorrigível.

E, nas semanas seguintes de suas férias no Rio de Janeiro, Agustina não teria dificuldade em enxergar que, como dissera a amiga, pobreza por ali tinha cor.

Aula de História

Já era quase hora do almoço e a professora Juliana já quase encerrava sua aula sobre o descobrimento do Brasil. Estava bem satisfeita com o resultado! Não era todo dia afinal que conseguia manter a turma tão compenetrada. Fez uma revisão final e não demorou pra ter vindo deles a explicação de como eram as Naus, de onde chegaram e da resposta em unísono - já um clássico! - da pergunta de quem descobrira o país.

Em meio ao coro de “Pedro Álvares Cabral”, já começou a juntar as suas coisas e foi imitada pelos alunos. Quase burocraticamente perguntou se alguém tinha dúvidas.

Foi surpreendida pelo dedo em riste do pequeno Leonardo, para desânimo de todos, que já levantavam.

“Professora, mas quem descobriu Portugal?”.

Dona Juliana o repreendeu pelo que considerou uma gracinha fora de hora e a turma caiu na gargalhada.

Embora fosse mesmo metido a engraçadinho, tinha falado era bem sério. Não entendeu o porque, assim como a professora, seus pais não levaram sua pergunta a sério. Inconformado, seguiu perguntando a todos que encontrava, alheio às risadas. Ainda encontraria quem saberia a resposta.

Foi seu tio Ricardo quem lhe deu atenção. Respondeu com a segurança que lhe era característica: “Ora Leozinho, Portugal sempre este lá!”. Pronto, deu-se por satisfeito e voltou para o videogame.

Para o menino angustiado, foi suficiente; ou pareceu. Até hoje segue curioso, e abre os olhos de outros pra colonialidade que nos ensinam sem dizer.

Um disparate

Quando Ricardo Darín contou ter recusado um papel em uma produção Hollywoodiana, o entrevistador mal pode se conter. Um latino desperdiçar uma chance dessas lhe parecia inaceitável. Tantos matariam por igual oportunidade.

O proponente também não entendia a ousadia: não aceitavam não como resposta. Se a questão fosse dinheiro, isto não seria um problema.

Queria voltar pra sua terra, pra sua família. Chamavam-lhe para interpretar um narcotraficante mexicano, como se, no país que mais consome drogas no mundo, este papel coubesse somente aos latino-americanos.

“E?”, questionou-lhe seu interlocutor. Seguiu inconformado: teria o astro pensado no dinheiro e na fama que ganharia? “E?”, foi a vez de o ator perguntar.

Cem anos depois

José Carlos acordou eufórico naquele 07 de setembro de 1922. Ele tinha oito anos e sabia que aquele seria um dia único. Sua mãe o vestiu com seu melhor

conjuntinho, presente de seu tio Nestor, que morava lá em São Paulo. E não era só ele que ia pra festa: toda a vila estava num ânimo que nunca tinha visto. Ou quase toda. Quando saíam, reparou em seu Tônico, que não era de perder agito, sentado num canto, preparando seu cigarro de palha. Joca até deu um passo atrás: “Ô seu Tônico, não sabe que dia é hoje?”.

O septagenário responder sem se alterar: sete de setembro. Deu o primeiro trago.

Joca estava impaciente. Mas lembrou que sua mãe contou uma vez que tinha que ter paciência com a bisavó, às vezes esquecia das coisas. Será que o vizinho tava de memória fraca também? Explicou então calmamente: “e esse o aniversário do país! 100 anos que faz! É mais que você e que minha vó Clara. Vai ter festa na praça! Vem com a gente?”.

Tônico fez sinal pro rapazinho sentar. Disse saber bem da história que contavam tanto por ali. Mas que não era bem assim. Perguntou se Joca já tinha reparado que ele falava diferente. O menino fez que sim com a cabeça: pensava que era porque era velho. Soube então que aquele jeito cantado, era porque vinha do Recife. Que ficava láaaa pro alto do Brasil. E por lá já tinham comemorado 5 anos antes.

Mas por que fizeram a festa tão antes assim? A tia sempre dizia que dava azar comemorar aniversário adiantado... Seria o tal do Recife tão longe que ficava em outro ano?

Tônico riu da hipótese estapafúrdia. E então explicou que para ele o importante mesmo tinha sido o 10 de outubro de 1817, Apaixonado explicou que nessa data os pernambucanos expulsaram o domínio europeu eles mesmos, ficando livres por 70 dias. Lamentou que já se fosse esquecendo, mas o país devia muito à sua terra, onde muito antes defendiam os ideais liberais e republicanos.

Joca ficou plantado, com cara de interrogação, mas a mãe já lhe apressava à distância. Se despediu e foi pra festa. Não tinha entendido muito o que o vizinho tinha contado e porque não queria comemorar; até porque não sabia bem o que estava indo comemorar... só imaginara que se nos 10 anos da prima Camila o bolo já tinha sido daquele tamanho, imagina nos cem anos de um país tão grande?!

Mas agora tava era com a cabeça em nó: como teriam feito tudo aquilo que seu Tônico falou cinco anos antes de o país nascer? E, se estavam em 1922, porque o Brasil demorara tudo aquilo pra nascer? Era pequenininho no começo, tipo uma ilhazinha, e foi crescendo? Como de hábito, encheu a mãe de suas perguntas.

Cátia riu. A irmã foi inventar de chamar a independência de aniversário pra simplificar e por fim só complicou. Explicou que antes ali era parte de Portugal, e só há cem anos ficara independente e passara a ser o Brasil.

“E como que Portugal ia até ali, se já tinha visto no mapa que era longe pra chuchu?!”, perguntou o cada vez mais confuso menino.

Cátia seguiu sua explicação vagamente, mais atenta à rua do que à conversa. Inconfidência, Independência, liberdade, dom pedro, grito no ipiranga... Joca se perdeu na primeira parte. Guardou na memória que depois aprenderia tudo na escola e entenderia melhor... voltou seu foco pra expectativa do bolo.

Nos anos que se seguiriam, dali até seus fatais sessenta e dois, entenderia cada vez menos a importância daquele dia. Se, cem anos após o grito do Ipiranga, ainda não tinha unidade que pusesse seu Tônico na mesma nação que Joca, como se esforçou Epiácio Pessoa, e nem a sua nem a dele conheceram essa tal de independência que só existiu nas palavras do imperador.

CENSO

“Morena”, “Acastanhada”, “Branca MELada”, “bronzizada”, “canela”, “chocolate”, “sará”, “Cobre”, “Queimada de Sol”, “encerada”, “marrom”, “meio preta”, “melada”, “paraíba”, “Rosa queimada”, “trigueira”, assim se declararam parte dos brasileiros na pesquisa do ibge de 1976 . Muitos nomes para fugir de uma condenação.



Entre 2012 e 2016, o número de brasileiros que se autodeclararam negros aumentou 14,9% no país, chegando a 8,2% da população. Ainda parece distante de espelhar nossa sociedade, ainda mais em contraste com os 44,2% que se definem como brancos, mas taí resultado da força do trabalho do movimento negro, taí a luta pelo orgulho da cor.

Mas, no jornalão, figuram duas hipóteses: ou o dado refletia um aumento do número de pessoas que se identificam como negras, ou talvez tivesse maior a fecundidade entre esta parcela da população. Não era fácil entender no novo número o reflexo de tanta discussão, mas dr. Vicente, do alto de sua luxuosa cobertura, sem levantar os olhos do jornal, resmungava para a esposa: “como faz filho essa gente!”.

(In)Feliz(es) 500 anos

Em 1492 o continente não se chamava américa, muito menos latina. Os habitantes não se chamavam índios, e sequer sabiam da existência do país que os batizou. Tawantinsuyu, Anahuac, Pindorama... Guaranis, Tupinambás, Mapuches... AS terras e os povos tinham seus próprios nomes, suas próprias línguas e religiões.

Nada interessou aos que vieram de tão longe achar um tesouro maior do que procuravam. Dividiram entre si o “novo mundo”, aos selvagens chamaram todos de índios, fossem inimigos ou amigos e a terra nomearam em homenagem aos seus. Com seu catolicismo, muitas almas salvaram; e aos sem deus não havia pecado em matar.

500 anos depois armou-se grande festa, para comemorar quinto centenário do grande feito dos navegadores ibéricos, com a monarquia do velho mundo como convidada de honra.

Dos povos originários, também se quis a presença. Esqueceram que pra aqueles que, da chegada de Colombo até então, foram massacrados, escravizados, encurralados, exterminados, tiveram por vezes suas línguas proibidas e muitas perdas, seus saberes desprezados ou criminalizados, não havia motivo para celebração. Mas marcaram presença. Protestando e falando de sua resistência de meio milênio; lembrando o mundo do que seus povos nunca esquecerão.

autoria de Raquel Farias Stern